



---

## RELATO DE EXPERIÊNCIA

---

Recebido em: 10/2019

Aceito em: 11/2019

Publicado em: 12/2019

---

### Oficina de arte visual baseada na obra clássica "O Pequeno Príncipe" voltada a jovens autistas e neurotípicos com o auxílio das neurociências

Visual art workshop based on the classic work "The Little Prince" for autistic and neurotypical young individuals with the help of neurosciences

Taller de arte visual basado en la obra clásica "El Principito" dirigido a jóvenes autistas y neurotípicos con la ayuda de las neurociências

Louise Bogéa Ribeiro<sup>1\*</sup>, Jussara da Silveira Derenji<sup>1</sup>, Manoel da Silva Filho<sup>1</sup>.

---

**Resumo:** Pretende-se mostrar um exemplo de ação arte-educativa e inclusiva, direcionada a jovens autistas, inserida no contexto de divulgação científica que vem sendo praticada na região amazônica. Como justificativa para o desenvolvimento do presente estudo, entende-se que a divulgação científica pode ser incorporada ao procedimento de melhoramento da qualidade da Educação em diferentes campos do conhecimento. A escolha da obra "O Pequeno Príncipe" se deu em razão pelo seu caráter lúdico e por ser amplamente recomendada a jovens. A metodologia de pesquisa empregada se trata do relato de experiência. Conclui-se que a divulgação científica promove o intercâmbio de saberes entre pesquisadores e comunidades de difícil acesso, e que oficinas de artes visuais trazem benefícios no processo de ensino-aprendizagem de autistas, bem como portadores de outros transtornos de aprendizagem, sendo capazes de superar barreiras causadas pelo isolamento social, dificuldade de adaptabilidade comportamental e maneira de aprender diferenciadas, normalmente apresentadas pelo público-alvo.

**Palavras-chave:** Comunicação e divulgação científica, Autismo, Inclusão.

---

**Abstract:** It is intended to show an example of inclusive and educative art action, directed to young autistic people, inserted in the context of scientific diffusion that has been practiced in the Amazon region. As justification for the development of this study, it is understood that scientific dissemination can be incorporated into the procedure of improving the quality of education in different fields of knowledge. The choice of the work "The Little Prince" was due to its playful character and to be widely recommended to young people. The research methodology employed is the experience report. It is concluded that the scientific dissemination promotes the exchange of knowledge between researchers and hard-to-reach communities, and that visual arts workshops bring benefits in the autistic teaching-learning process, as well as carriers of other learning disorders, being able to overcome barriers caused by social isolation, difficulty in behavioral adaptability and differentiated learning, usually presented by the target audience.

**Keywords:** Communication and scientific divulgation, Autism, Inclusion.

---

**Resumen:** El objetivo es mostrar un ejemplo de acción artística inclusiva y educativa, dirigida a jóvenes autistas, insertada en el contexto de difusión científica que se ha practicado en la región amazónica. Como justificación para el desarrollo de este estudio, se entiende que la difusión científica puede incorporarse al procedimiento para mejorar la calidad de la educación en diferentes campos del conocimiento. La elección de la obra "El Principito" se debió a su carácter lúdico y se recomienda ampliamente a los jóvenes. La metodología de investigación empleada es el informe de experiencia. Se concluye que la difusión científica

---

<sup>1</sup>Universidade Federal do Pará (UFPA), Museu da UFPA, Belém-PA. \*E-mail: [loubog8@gmail.com](mailto:loubog8@gmail.com)

promueve el intercambio de conocimientos entre investigadores y comunidades de difícil acceso, y que los talleres de artes visuales aportan beneficios en el proceso de enseñanza-aprendizaje autista, así como los portadores de otros trastornos de aprendizaje, pudiendo superar barreras causadas por el aislamiento social, la dificultad en la adaptabilidad conductual y el aprendizaje diferenciado, generalmente presentado por el público objetivo.

**Palabras clave:** Comunicacion y difusión científica, Autismo, Inclusión.

---

## INTRODUÇÃO

Inicialmente, sabe-se que o autismo, também conhecido como Transtorno do Espectro Autista (TEA), trata-se de uma condição comum para um grupo de desordens implexas do desenvolvimento, antes, durante ou logo depois do nascimento. O transtorno pode ser caracterizado por alterações significativas nos aspectos comunicacionais, interacionais e comportamentais geralmente surgidas nas crianças em até três anos de idade, cujas causas e tratamento definitivo ainda não estão estabelecidos (MINISTÉRIO PÚBLICO DE SÃO PAULO, 2011). Estes distúrbios se diferenciam pela dificuldade na comunicação social e condutas recorrentes. Todavia, apesar de todos os indivíduos portadores de TEA partilharem destas dificuldades, a sua condição irá afetá-los com magnitudes distintas (BEAUMONT R e SOFRONOFF K, 2008).

Observa-se uma necessidade de maior compreensão do procedimento da inclusão do educando portador de TEA na Educação Básica, bem como suas contribuições, já que o ensino inclusivo, como se sabe, trata-se de um direito conquistado, sendo também um dever de toda a sociedade aceitar e respeitar as diferenças. Conforme Fernandes LB (2010), a Educação e a Arte promovem a imaginação e refinam os sentidos, podendo realizar mudanças significativas para a criação de diferentes percepções de visões sobre o mundo.

Como problema da pesquisa, observa-se que a falta de conhecimento dos profissionais da Educação Infantil sobre o TEA faz com que se sintam incapazes de atender satisfatoriamente esses alunos. Sendo assim, tem-se a seguinte questão problema da pesquisa: como as Artes podem auxiliar a superar obstáculos impostos aos educadores para a inclusão pedagógica e social das crianças portadoras de TEA no processo de ensino-aprendizagem?

Por meio de um relato de experiência, o estudo pretende mostrar um exemplo de ação educativa inclusiva, inserida no contexto de divulgação científica que vêm sendo praticada na região da Amazônia, bem como evidenciar os seus principais resultados, impactos e contribuições na educação de jovens portadores de autismo para a elucidação de novas práticas pedagógicas.

## RELATO DE EXPERIÊNCIA

O projeto de extensão Ciência na Ilha é um evento organizado pela equipe de docentes e colaboradores do Clube de Ciências (CCI) da Universidade Federal do Pará (UFPA) em parceria com grupos e projetos de divulgação científica da Universidade e de outras Instituições de Ensino Superior (IES) que têm como objetivo contribuir para a produção e socialização de conhecimentos científicos em comunidades ribeirinhas de Belém.

A ideia do projeto é proporcionar um intercâmbio de saberes entre pesquisadores e moradores das comunidades localizadas nas diversas ilhas que fazem parte do município de Belém, discutindo e apresentando, principalmente, resultados de pesquisas e conhecimentos científicos relacionados às especificidades socioambientais dessas comunidades. Além da apresentação de trabalhos de iniciação científica de estudantes da educação básica. A programação do evento inclui palestras, oficinas, mostras de vídeo e peças teatrais para crianças, jovens, professores e comunidade em geral. Toda a programação é, portanto, aberta ao público e gratuita.

Foi realizada a inscrição no Ciência na Ilha para a realização da oficina intitulada "Oficina de arte visual baseada na obra clássica "O Pequeno Príncipe" voltada a jovens autistas e neurotípicos com o auxílio das neurociências" que teve sua proposta aceita e selecionada para participar do projeto no ano de 2016. Para

este ano, foram realizadas, na Escola Padre Eduardo, na Ilha de Mosqueiro (Belém-PA), 39 oficinas, para públicos de diversas idades, 18 exposições de divulgação científica (DC) e 23 trabalhos de Iniciação Científica (IC).

A escolha da obra se deu por seu caráter lúdico e por ser amplamente recomendada ao público jovem. Primeiramente, apresentou-se o enredo em formato de contação de história para depois serem introduzidas técnicas básicas de pintura com pincel. Exemplos finalizados da atividade foram expostos. Então, os alunos desenvolveram, em trabalho em dupla (um autista e outro neurotípico), a atividade de pintura proposta, em produção livre. Os materiais, estilos, cores foram analisados a partir de princípios das neurociências, incluindo os seus efeitos na personalidade, comportamento e expressividade do autor.

Durante a oficina, foram identificadas dificuldades para a absorção de conceitos abstratos ao resumir a história do pequeno príncipe, mas foi possível superá-las ao utilizar vídeos e imagens enquanto suporte para as explicações. Os autistas observavam os neurotípicos para a realização das atividades propostas na oficina, limitando, de certa maneira, a execução criativa, além da baixa coordenação motora fina para o desenvolvimento dos traços e na utilização de pincéis para a pintura em tecido.

Trata-se de procedimentos de evolução lenta e gradual para atingir melhores resultados, o que não foi possível com apenas um dia de oficina e o tempo limitado. Porém, notou-se o diálogo entre as funções subjetivas da (in) consciência dos jovens após o desenvolvimento das ações educativas. O uso de cores, imagens em movimento e o estabelecimento de um ambiente informal na sala de aula potencializam o momento pedagógico de aprendizagem, dando-lhes total liberdade de criação.

## DISCUSSÃO

A difusão científica possui como conceito algo que se alude a todo procedimento de veiculação da informação científica, seja por meio de publicações técnicas ou não, e voltadas para um público individualizado ou não. Abrange, assim, todos os outros termos. Ademais, esta divulgação se trata da transposição da alocação científica para o público geral, portanto, transmitir o conhecimento científico por meio de uma linguagem acessível, de simples entendimento, até mesmo com o aproveitamento de recursos e metodologias que possam vir a facilitar este diálogo, ajustando o discurso. Reforçando a importância da proposta inicial de intervenção, tem-se que a divulgação científica colabora com a inclusão da discussão acerca de temas especializados e de choque na vida das pessoas, procurando admitir que indivíduos leigos possam assimilar novas descobertas, bem como o avanço científico, envolvendo o mundo onde convivem (BUENO WCB, 2010).

Nesse ponto de vista, as capacitações efetivadas pela divulgação científica podem vir a ajudar na inclusão desses educandos, tornando a educação inclusiva uma forma de aprendizagem, em que educadores, funcionários e educandos, de escolas habituais, irão aprender a coexistir com as diferenças, e com isso, superar as dificuldades no caminho (COELHO CMM, 2010). De tal modo, com exposto acima, alega-se que a divulgação científica se trata de um empenho de inteligibilidade que pode envolver múltiplas disciplinas, onde se tem o desafio de explicitar com total limpidez a ciência de um modo geral, envolvendo todos de um modo geral com a educação (MASSARANI L, 2002).

Torna-se possível afirmar que um texto de divulgação científica se mostra apropriado de produzir conhecimento primário do mesmo modo que uma pesquisa convencional, já que se trata de uma questão de interpretação, que pode despontar em uma nova reconfiguração de mundo (COELHO CMM, 2010). O procedimento de inclusão escolar de autistas por meio das Artes induz a pensar acerca dessa nova realidade, relevando a necessidade e importância da divulgação científica por demonstrar a preocupação da comunidade escolar no que se refere à inclusão fora das classes especiais (MENDES EG, 2006).

As Artes permitem a exploração de múltiplos sentidos e significações, em um campo de dubiedade, onde não há o certo e o errado, somente o mais ou menos adequado ou significativo ou, ainda, inventivo (FERNANDES LB, 2002), sendo que “as Artes como linguagem é a área de conhecimento que possibilita o desenvolvimento global do ser humano e a relação inter e intrapessoal, na busca da identidade e do exercício da cidadania” (BRASIL, 2002).

Frente a isto, o rompimento com os antigos paradigmas da contemporaneidade e a nova ordem global, contrapondo os conhecimentos, vem fazendo com que a escola advenha por uma reinterpretação, em que a inclusão faça parte desse contraponto, o que sugere uma alteração destes paradigmas, objetivando uma nova educação, em que diferenças, sejam elas culturais, sociais, étnicas ou, ainda, de gênero, possam ser trabalhadas de maneira a compreender a maneira como se vive e entende o mundo (SILVA A, 2008).

Lidar com diferenças é sempre um desafio, pois significa abdicar de uma só forma de ver o mundo e o autismo intriga a natureza humana, ajudando-nos a compreender o nosso próprio desenvolvimento. Para realizar o processo de ensino e aprendizagem voltado a indivíduos portadores de transtornos, como o espectro autista, deve-se pensar em alternativas, usando outra linguagem, sem perder o compromisso com a ética, a ciência (e a consciência!) (BOSA C, 2007).

Durante a realização da oficina, inserida no projeto de extensão, pequenos avanços relativos às operacionalizações das atividades propostas foram observados, nos aspectos psicomotor e cognitivo dos autistas, com base na aprendizagem a partir da cópia de comportamentos executados pelo outro neurotípico. Amy MD (2001) afirma que, em prol da qualidade da comunicação, deve-se pensar no desenvolvimento de habilidades relativas à imitação, motricidade e percepção do educando.

Neste sentido, ressalta-se que houve o estabelecimento de vínculo mais imediato pela relação afetiva entre estudante-orientador, o que traz benefícios ao discurso e à relação consigo mesmo e com o outro, em consonância com a literatura disponível, considerando que formas não-verbais dos afetos (ex. gestos, sonoridade, virtualidade, imagens, múltiplas expressões e conexões) geram movimentos que dão maior plasticidade, dramaticidade e musicalidade na comunicação e na interação social, com melhores resultados na aprendizagem (MEIRA M e PILLOTTO SSD, 2010).

Nota-se que, quando se estabelece uma interação fluída entre o estudante autista e o professor, oportuniza-se, assim, a dimensão educativa, aumentando as chances de promover novas aprendizagens (ASSUNÇÃO JUNIOR FB e SCHWARTZMAN JS, 1995). A importância do trabalho individualizado direcionado a cada discente para considerar a experiência tátil, visual e a afetividade, auxiliando na sua interação com o meio, em um processo de constante troca de saberes, pode gerar uma nova maneira de expressividade e comunicação, e, enfim, elucidar caminhos pedagógicos mais interessantes.

A capacitação de professores é necessária para que possam conviver e lidar com possíveis divergências no *background* de cada educando em sala. O estudo contribui para a orientação desses profissionais dentro de sistemas de apoio que convenham de diretrizes para a efetivação do procedimento de ensino-aprendizagem do educando portador de autismo, na desmistificação das representações preconcebidas e não-científicas que intervêm na ação do docente. As limitações do estudo foram referentes à análise das possíveis consequências dos impactos das ações educacionais na região.

Fernandes LB (2010), ao observar alunos com TEA, percebeu que a prática pedagógica no processo de ensino-aprendizagem precisa estar alicerçada no aspecto sensorial e perceptivo do educando, por meio da utilização exaustiva de diversos materiais de suporte e apoio. Dessa maneira, haverá conciliação entre a compreensão de conceitos, expressividade, afetividade, assim como maior interação dos autistas com o mundo exterior. Desta forma, para colocar em prática as atividades do CCI/UFPA, além de aulas teóricas, faz-se necessário que os educandos tenham oportunidades de realizar também trabalhos de campo (observação, coleta, organização e classificação de materiais etc.); experimentação; problematização de situações que envolvam conhecimentos abordados e que conduzam à elaboração de conceitos pelos próprios sujeitos do ensino, bem como investigação de situações presentes em seu contexto, visando melhor compreendê-las (COELHO CMM, 2010).

A pluralidade, esta quando é direcionada para a educação, beneficia e promove o desenvolvimento educativo coletivo. Pois o ensino, frente à diversidade, trata-se daquele que, de maneira eventual, possa atender indivíduos com deficiência, entretanto, apenas será verdadeiramente inclusivo se em benefício de todos. Para tanto, inicialmente da aproximação entre o conteúdo e a vivência prática diária, o conceito pode vir a submergir em força abstrata e assim receber maior concretude (CARLOS AF, 2012).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que oficinas de artes visuais podem ser consideradas como experiências educativas que independem da comunicação em sua modalidade verbal tampouco de metodologias racionalistas, contribuindo para o desenvolvimento de outras linguagens expressivas, além de conseguir incluir educandos com TEA, ao superar barreiras causadas pelo isolamento social, dificuldade de adaptabilidade comportamental e maneira de aprender diferenciada. Uma limitação do estudo foi o tempo curto disponível, mas outras iniciativas nesse sentido precisam ser incentivadas junto a portadores de TEA e de outros transtornos, para a obtenção de resultados em longo prazo. A elaboração e execução de práticas pedagógicas inovadoras, lidando melhor com as diferenças, devem ser incentivadas.

---

## REFERÊNCIAS

1. AMY MD. Enfrentando o autismo: a criança autista seus pais e a relação terapêutica. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2001.
2. ASSUMPÇÃO FB, SCWARTZMAN JS. Autismo Infantil. São Paulo: Memnon, 1995.
3. BEAUMONT R, SOFRONOFF K. A multicomponent social skills intervention for children with Asperger syndrome: The Junior Detective Training Program. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 49(7), 2008; 32p.
4. BOSA C. Atuais interpretações para antigas observações. In: BAPTISTA, Claudio Roberto; BOSA, Cleonice; et. al. Autismo e educação: reflexões e propostas de intervenção. Porto Alegre: *Artmed*, 2007.
5. BRASIL. Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. 2012. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2012/lei/12764.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/12764.htm)> Acesso em 01 out. 2019.
6. BUENO WCB. Comunicação científica e divulgação científica: aproximações e rupturas conceituais. *Inf. Inf.*, Londrina, 2010; 209p.
7. CARLOS AF. Novos caminhos da geografia. 6ª ed. São Paulo: *Contexto*, 2012; 104p.
8. COELHO CMM. Inclusão escolar. In: Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar. Brasília, 2010; 167p.
9. FERNANDES LB. Ensino de arte no universo autista: um relato de extensão da faculdade de artes do paraná. 2010. 162f. Dissertação (Mestre em Educação) – Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2010.
10. MASSARANI L (Org.). Ciência e público: caminhos da divulgação científica no Brasil. Rio de Janeiro: Casa da Ciência - Centro Cultural de Ciência e Tecnologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Fórum de Ciência e Cultura, 2002; 300p.
11. MEIRA M, PILLOTTO SSD. Arte, afeto e educação: a sensibilidade na ação pedagógica. Porto Alegre: *Mediação*, 2010.
12. MENDES EG. A radicalização do debate sobre inclusão escolar no Brasil. Rio de Janeiro, 2006; 76p.
13. MINISTÉRIO PÚBLICO DE SÃO PAULO. Cartilha: Direitos da Pessoa Autista. *Edepe*, 2011.
14. SILVA A. O ensino de Geografia e os recursos didáticos: uma avaliação inicial acerca dos materiais de ensino e livros didáticos. Monografia de Graduação em Geografia: Bacharelado - Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2008; 40p.